

JORGE LUIS BORGES/ OSMAN LINS: LEITORES TRANSCULTURAIS

Graciela Cariello
Universidad Nacional de Rosario, Argentina

O presente trabalho aborda, com o horizonte do conceito de **transculturização**, a leitura de/em Borges e Osman Lins. Em ambos os escritores, a leitura funciona como *tema* (de ensaio e de ficção), como *poética* (é a raiz mesma da sua produção literária) e como *gesto transcultural de apropriação e crítica*.

Zilá Bernd, em um recente trabalho sobre **transculturalismos**¹, faz uma descrição crítica de várias conceituações do termo **transculturização**, com que concordamos e que seguimos nas nossas pesquisas. Nas conclusões, e depois de refutar o termo **reatualização**, usado por Jocelyn Létourneau, ela afirma que “o conceito de transculturização tem uma grande vantagem sobre o de reatualização, que lhe é assegurada pela própria etimologia, qual seja, a de estar associado [...] a transformações, transposições, mudanças e sobretudo a uma dinâmica de inscrição contínua e não hierarquizada dos elementos culturais mais díspares extraídos da cultura erudita, do imaginário mítico e do popular da cultura de massas para dar origem a montagens novas e originais”. Defende também que “na base de um conceito corrente na pós-modernidade como o de hibridação cultural, por exemplo, encontram-se processos de transculturização, pois o sujeito da transculturização situa-se entre (pelo menos) dois mundos, duas culturas, duas línguas e duas definições da subjetividade, realizando vaivéns constantes entre elas.” E acrescenta uma idéia de grande valor para a análise dos autores sob estudo no presente trabalho: “O valor agregado da transculturização parece ser o de implodir os binarismos (civilização/barbárie; branco/negro, etc)

¹ Bernd, Zilá, Deslocamentos Conceituais da Transculturização -*Projeto Transculturalismos/ Transferências Culturais*– ICCS-CIEC (International Council of Canadian Studies) abril 2002 .

para encarar o processo cultural como suscetível de constantes mesclas, telescopagens e imbricações, aberto ao reaproveitamento e à reciclagem de vestígios culturais de origens diversas alijados da cultura das elites.”

Tanto Borges na Argentina quanto Osman Lins no Brasil foram muitas vezes preteridos por serem considerados de leitura difícil, pelo excesso de erudição, e como se fosse necessário ter lido toda a cultura ocidental (e mesmo oriental) para abordá-los. Ninguém duvida que estes autores tinham uma bagagem enorme de leituras, até mesmo uma erudição notável. Mas tanto um quanto o outro fizeram dessa bagagem a matéria para a sua escrita americana por meio de um processo que é comum aos dois: a irrisão. Ricardo Piglia viu essa característica em Borges, e afirmou que ele “exaspera y lleva al límite, casi a la irrisión, ese uso de la cultura; lo vacía de contenido, lo convierte en puro procedimiento. En Borges la erudición funciona como sintaxis, es un modo de darles forma a los textos”² Osman Lins, por sua vez, esclareceu o modo como a irrisão faz parte do seu uso da cultura, em carta publicada no *Jornal do Brasil* de 16 de janeiro de 1977, em que contra-argumenta em relação a uma resenha que lhe assinalava a intenção de parodiar a narrativa romanesca. Não nega a intenção paródica, apenas indica a que objeto aplica essa intenção. “Mil vezes não! O que tento parodiar e ironizar em *A Rainha dos Cárceres da Grécia* não é o romance. É, justamente, outro gênero, o ensaio, a afetação, a presunção, a suficiência, a seriedade do ensaio. Daí, por derrisão, citações de nível inferior como a da revista *Reader’s Digest* e do *Almanaque do Pensamento*, o tema do pedantismo, as referências errôneas, deslocadas ou falsas- e, por fim, a metamorfose do analista (do pseudo-autor do meu livro) em personagem do próprio romance que analisava –recurso este que envolve, aí sim, um tratamento muito delicado e incomum do ‘eu’ narrador”.

² Piglia, Ricardo, *Crítica y ficción*, Buenos Aires: Siglo veinte, 1990.p. 147.

Nada mais injusto, portanto, do que situar os nossos autores em algum dos pólos de um binarismo que atravessa a nossa cultura sulamericana: civilização ou barbárie. Eles, lidos do ponto de vista da transculturação, contribuem para “implodir”, como afirma Zilá Bernd, esse binarismo, na mescla que é a sua escrita. É por isso que ambos os autores são perfeitamente legíveis, desde que compreendida sua proposta de leitura americana da cultura ocidental (de que Borges afirmava sermos herdeiros legítimos). Injusto, também, considerá-los “difíceis” ou pretensiosos. Apenas reclamam ser lidos com a mesma intenção “antropofágica” com que eles leram: nos apropriando dos seus textos livremente, adotando e adaptando suas referências, sem nos importarmos com a verdade superficial da citação, que na realidade é a máscara de uma verdade mais profunda. Trata-se da chave de um enigma que unicamente a leitura desvenda: a leitura do mundo que cada leitor, em última análise, faz. Ler é escrever, escrever é ler, ler é interpretar, tomar posse, atribuir sentidos. Como Pierre Menard, Borges e Osman Lins “ha[n] enriquecido mediante una técnica nueva el arte detenido y rudimentario de la lectura: la técnica del anacronismo deliberado y de las atribuciones erróneas”. Por isso é absurdo tentar descobrir se as citações são ou não verdadeiras: pelo gesto de apropriação transcultural, sejam verdadeiras ou não, elas são sempre ficcionais, tanto nas obras de ficção de Osman Lins como na obra ficcional e nos “semi-ensaios” (o termo é do próprio Borges) borgianos.

Osman Lins fará dessa apropriação o princípio construtor de seu romance-ensaio-diário *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. Vejamos apenas um exemplo. Este autor, que na polêmica de sua época entre Sartre e Lévi-Strauss tinha tomado o partido da História (de Sartre, portanto), ironiza sutilmente o pensamento de Lévi-Strauss. Nesse romance, em que se desvenda aos poucos o processo da escritura através da leitura (lembramos: borgianamente, se trata da leitura de um livro inexistente), as citações como recurso de autoridade constituem um jogo irônico e paródico, um outro modo de intervir na polêmica. Perante o jogo vivo e engajado da escrita, esse jogo das

citações eruditas, da dissecação acadêmica, da receita para ler, no estilo estruturalista, vira flagrante e incendiada denúncia. Diz o narrador, acerca do livro que analisa: “Manipula a romancista um universo instrumental fechado, havendo-se apenas com o que Claude Levi-Strauss chama de *meios-limites*, ‘um conjunto, continuamente restrito, de utensílios e de materiais’”. A citação, seguida, em nota de rodapé, da referência bibliográfica, finge ser um recurso argumentativo ensaístico. No entanto, a desmenti-lo, está ali um comentário que, no co-texto do romance, resulta em ironia: “Mas temos de admitir que exerce o *bricolage* com grande paciência e desenvolvido senso de ordenação.” E a seguir, como para acentuar essa ironia, uma citação da própria “autora” ficcional, revela-nos a postura antiacadêmica, com um quê de comicidade satírica: “Santo Afonso Henriques! Fazei de mim uma escritora. Mas só isto. Nada de festivais, de júris em concursos (de beleza ou literários), de cargos em repartições chamadas culturais, de capelas, de frases de espírito. Livrai-me do fascínio que tantos dos nossos autores, hoje, têm pelo convívio com os ricos, pela adoção obrigatória de livros seus na área estudantil, pelas viagens com passagem e hotel pagos. Fazei-me orgulhosa da minha condição de pária e severa no meu obscuro trabalho de escrever.” (Dos papéis de J.M.E.)”. Essa condição de pária, que a personagem reivindica para seu “obscuro trabalho de escrever” será aquela que o próprio Osman Lins defende: pária enquanto afastado dos lugares fúteis, do aparente, para se consagrar a sua tarefa silenciosa de construtor de mundos novos. E como para não ficarem dúvidas acerca do irônico e do paródico de suas citações eruditas, lê-se, na mesma página: “Penso, neste domingo indeciso, alternadamente sombrio e ensolarado, enquanto organizo temas de provas e ordeno meus papéis, que talvez haja um certo fundo irônico na dívida de Julia Enone para com esse campo do conhecimento (ou sonho) humano: projetar no seu livro alguns princípios básicos da leitura das mãos pode ser uma paródia de certas estruturas caprichosas, familiares ao romance do século XX “Esse mesmo narrador-ensaísta, personagem do romance, ao concluir seu relato-

ensaio-diário no momento em que o caos avança na cena e leitura e escrita se confundem, está lendo (e não será um simples pormenor a ocasião dessa leitura) o Curso de Lingüística Geral, (quase a Bíblia pagã da época) de Saussure.

Vemos assim que a apropriação transcultural não acaba no processo de ficcionalização: a “estranheza americana” que menciona Irlemar Chiampi³ no caso de Borges, lê-se também em Osman Lins. Ela consiste em não ter acompanhado as modas intelectuais da sua época, ainda mais: tê-las rejeitado, contestado, indo procurar em autores marginais, por fora do cânone oficial, o material para seu trabalho de escrita transcultural. Isso será Borges lendo Stevenson (o “precursor velado” que tão minuciosamente desvenda Daniel Balderston⁴), ou Chesterton, ou Kipling. Isso será Osman Lins escolhendo Lima Barreto, o esquecido da crítica, para sua brilhante tese.

Também isso será Borges criando uma linhagem da sua escritura, a partir de um poeta que se situa entre os epígonos menores do Modernismo Hispano-americano (bem menor do que o outro antecessor reconhecido um pouco ironicamente: Lugones, e do que o outro negado, mas presente na sua obra, Rubén Darío). Esse precursor “inventado” por Borges em um ensaio ficcional e poético, sem dúvida mais meritório que o objeto a que se dedica: os versos empolados e ao mesmo tempo piegas de Evaristo Carriego, marca o início de uma linha de leitura do marginal, do afastado do cânone, no momento em que ia começar a sua produção literária mais importante, no ano 1930. A partir daí, vai se seguir a série de relatos, semi-ensaios e ensaios mais

³ Chiampi, Irlemar, A estranheza americana de Borges, in Cid, Marcelo/ Montoto, Claudio César (orgs.) *Borges centenário*, São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 1999

⁴ Balderston, Daniel, *El precursor velado: R. L. Stevenson en la obra de Borges*, Buenos Aires, Sudamericana, 1985.

ou menos ficcionais, em que irá se apropriando dessa cultura marginal, e trabalhando com ela para gerar sua própria escritura.

Historia universal de la infamia (1935), considerado seu primeiro livro de contos, nada mais é, e ele “confessa” esse caráter no Prólogo, do que um jogo de apropriação e tradução (acrescentamos: transcultural). Afirmar Borges esses “ejercicios de prosa narrativa” serem decorrentes de “relecturas” (e a palavra não é inocente) de Stevenson, Chesterton, “y tal vez de cierta biografía de Evaristo Carriego”. A biografia é a que ele escreveu, e que fecha uma série - aquela da procura da origem de sua escritura, e abre ao mesmo tempo esta outra -a do traçado da linha marginal, pelo qual será, muitos anos depois e graças a uma leitora profunda e inteligente, Beatriz Sarlo, considerado “un escritor en las orillas”⁵. Borges, o autor “central”-hoje, da literatura argentina, foi ao longo da sua obra, desenhando essa margem, reescrevendo em chave americana, argentina e mais precisamente portenha, essa herança que afirmará ser a nossa tradição: “nuestra tradición es toda la cultura occidental”. Essa afirmativa é construída no ensaio “*El escritor argentino y la tradición*”, que Borges acrescentará em 1957 ao livro *Discusión*, que tinha sido o primeiro livro de ensaios da segunda etapa, com uma primeira edição em 1932. Três anos depois dessa primeira edição, publicava a *Historia universal de la infamia*. O artigo incluído em 1957 é na verdade de 1953, e posterior aos livros de relatos *Ficciones* (1944) e *El aleph* (1947) e do livro de ensaios, fulcral na obra do nosso autor, *Otras inquisiciones* (1952). Borges tinha refletido e experimentado sobre aquilo que afirmava: tinha, na sua escrita, reescrito a tradição argentina. Mas tinha feito essa reescritura como colocava no prólogo da *Historia universal de la infamia*: como *releitura*.

Qual será essa releitura argentina da tradição? O próprio Borges deixou isso claro no artigo mencionado: ele compara a nossa situação àquela dos judeus na cultura ocidental e dos irlandeses

⁵ Sarlo, Beatriz, *Borges, un escritor en las orillas*, Buenos Aires: Ariel, 1995.

na cultura inglesa, e cita um sociólogo americano, que afirmou que eles “actúan en la cultura occidental y al mismo tiempo no se sienten atados a ella por una devoción especial “. “Creo” – diz Borges- “que los argentinos, los sudamericanos en general, estamos en una situación análoga: podemos manejar todos los temas europeos, manejarlos sin supersticiones, con una irreverencia que puede tener, y ya tiene, consecuencias afortunadas”. Essa irreverência, dos argentinos, e de todos os sulamericanos, abrange também, nele, e em Osman Lins, não apenas os temas, mas também os autores, as obras, os fenômenos culturais (por exemplo o cinema e o teatro), as posturas teóricas, de que livre, crítica, criativa e antropofagicamente os nossos dois autores se apropriaram.

Borges não leu Osman Lins. Aliás, ele pouco lia os autores brasileiros. Mas não por lhes atribuir valor menor. Em uma resenha (em *Crítica*, 23 de setembro de 1933) que Borges fez de um livro de Ribeiro Couto, afirmava: “Penso que nos parecemos infinitamente [...] Não sei se disto se conclui que meu desconhecimento da lírica do Brasil pouco se envergonha de ser total. Não se veja nisto desprezo: veja-se a convicção indolente -talvez errada mas não ilógica- de que pessoas como eu, ou mesmo os amigos que frequento, donos de bibliotecas não muito diversas, não podem me oferecer vastos assombros”⁶

Osman Lins, pelo contrário, leu e admirou o Borges escritor, bem como se revoltou contra o Borges homem de seu tempo. Osman Lins morreu em 1978. Não chegou a ver um outro Borges, que talvez se teria reivindicado aos seus olhos. Em 1976 afirmou, em entrevista, “eu me recuso a me transformar num Borges, pequeno ou grande Borges, não me interessa, não quero me transformar em nada que se pareça com Borges, um homem que recusou a história”. Mas, no mesmo ano, ele publica *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, o seu romance mais borgiano, em que, além de realizar uma das idéias de Borges (escrever um texto sobre um romance inexistente, e

⁶ Apud Antelo, Raúl, *Na Ilha de Marapatá*, São Paulo: HUCITEC, 1986.

que esse texto seja o verdadeiro romance), tem a figura de Borges presente, através da menção explícita do seu *Pierre Menard*. Não por acaso, o texto de Borges que cita é justamente aquele que a ambos os nossos autores pode ser aplicado: “Menard”, diz Osman Lins que Borges diz “haveria enriquecido a arte da leitura com uma nova técnica, a ‘do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas”.

O narrador de Osman Lins, se apropriando de Borges, traduzindo-o e colocando como uma ponta de dúvida aquele “haveria”, designa-o como “um argentino que entende dessas coisas”. De que coisas estava falando o narrador de Osman Lins? Nada menos que da questão do autor e da crítica; da autoria e da apropriação; do direito de ler como gesto de amor, de desvendamento, de penetração e de procura, e ao mesmo tempo de criação apaixonada de um novo texto que, como o Quixote de Menard, nunca será o mesmo. Estava falando do que estava fazendo: da leitura transcultural.